

O “Sexto Marido” da Mulher Samaritana De onde vem e quem é o Jesus que seguimos?

*The Samaritan Woman’s “Sixth Husband”
Where does the Jesus we follow come from, and who is He?*

Resumo

O artigo explora as dimensões teológicas e históricas do Evangelho de João, destacando o contexto final de sua redação e implicações para a compreensão religiosa contemporânea, desafiando interpretações cristãs exclusivistas tradicionais. O Evangelho de João é apresentado como paradoxal, com vários versículos promovendo o ecumenismo, mas também contendo passagens usadas para apoiar intolerância e exclusivismo cristão. Historicamente, o cristianismo passou de uma fé perseguida para uma religião oficial imperial que se impôs violentamente sobre outras culturas, e nessa imposição versículos do evangelho de João tiveram e têm papel destacado. A comunidade joanina, que compôs o Evangelho, era pequena, diversa, marginalizada e perseguida, mas enfatizava a inclusão e o amor. O autor contrasta essa abertura com práticas restritivas de outras comunidades da época, e defende que a partir de suas origens diversas e das perseguições que sofria a comunidade joanina desenvolveu uma sensibilidade aguda e crítica à religião oficial tanto do judaísmo, como do império romano. Mostra isso numa interpretação singular do “sexto marido” da mulher samaritana, e defende uma releitura decolonial do Evangelho de João que rejeite interpretações exclusivistas e imperialistas, promovendo o amor como o verdadeiro caminho para Deus.

Palavras-chave: Evangelho de João; violência em nome de Deus; religião oficial; mulher samaritana; decolonização do cristianismo.

Abstract

This article explores the theological and historical dimensions of the Gospel of John, highlighting the final context of its writing and implications for contemporary religious understanding, challenging traditional exclusivist Christian interpretations. The Gospel of John is presented as paradoxical, with several verses promoting ecumenism, but also containing passages used to support Christian intolerance and exclusivism. Historically, Christianity went from being a persecuted faith to an official imperial religion that was violently imposed on other cultures, and verses from the

¹ Professor aposentado do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (sul do Brasil), assessor do CEBI – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, e do Centro Bíblico Verbo, de São Paulo. (luizdietrich@gmail.com)

Gospel of John played and continue to play a prominent role in this imposition. The Johannine community, which composed the Gospel, was small, diverse, marginalized, and persecuted, but emphasized inclusion and love. The author contrasts this openness with the restrictive practices of other communities of the time and argues that, based on its diverse origins and the persecution it suffered, the Johannine community developed a keen and critical sensitivity to the official religion of both Judaism and the Roman Empire. He shows this in a unique interpretation of the Samaritan woman's "sixth husband" and advocates a decolonial reinterpretation of the Gospel of John that rejects exclusivist and imperialist interpretations, promoting love as the true path to God.

Keywords: Gospel of John; violence in the name of God; official religion; Samaritan woman; decolonization of Christianity.

Introdução

O evangelho de João é um evangelho envolto em paradoxos. Por um lado, nele encontramos um dos versículos mais lembrados quando falamos sobre ecumenismo, que é aquela parte da oração de Jesus em que ele ora *“para que todos sejam um, como tu, Pai estás em mim e eu em ti; para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste”* (17,21)². Mas por outro, o evangelho de João, com seu estilo dualista, é também o Evangelho que fornece a maior parte das citações que sustentam as perspectivas cristãs exclusivistas, isto é, citações que, segundo as interpretações mais tradicionais, afirmam que a única religião verdadeira é o cristianismo.

Todos e todos conhecemos muito bem estes versículos:

1,18 *“Ninguém jamais viu a Deus; mas o Filho único, que está junto do Pai, o revelou a nós.”*

3,13-18 *“E ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu; o Filho do Homem...para que todo aquele que nele acreditar tenha a vida eterna.....Quem acredita nele não é julgado; quem não acredita já está julgado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus.”*

3,35-36 *“O Pai ama o Filho e lhe entregou nas mãos todas as coisas. Aquele que acredita no Filho, possui a vida eterna. Quem rejeita o Filho não verá a vida; pelo contrário, a ira de Deus permanece sobre ele.”*

6,35/48-53 *“Então Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida... se vocês não comem a carne do Filho do Homem e não bebem do seu sangue, não têm a vida em vocês.”*

8,12 *“Eu sou a luz do mundo.”*

10,30 *“Eu e o Pai somos um.”*

11,25 *“Eu sou a ressurreição.”*

² Todas as citações bíblicas, salvo indicação em contrário, forma retiradas da Bíblia Pastoral, São Paulo: Paulus, 2014.

E assim, mesmo nesse rápido passeio pelas páginas do evangelho, que certamente deixou de fora ainda muitos outros aspectos que sustentam as perspectivas exclusivistas, somos levados àquela que é a mais famosa dessas frases, e talvez a mais usada para referendar a compreensão exclusivista do cristianismo como a única religião verdadeira, sendo um dos principais suportes para o monoteísmo cristão: *“E disse-lhes Jesus: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim.”* (14,6).

Talvez não precisemos de muito esforço para lembrar, na história, quantas vezes essa perspectiva foi usada para impor o cristianismo a pessoas e povos de outras religiões. Quanto as outras religiões foram discriminadas, menosprezadas, depreciadas e até demonizadas, sob o impulso desse versículo? Quantas mortes marcam a história do cristianismo!

Perseguidos e martirizados tornam-se perseguidores e martirizadores: perversão hermenêutica.

No começo, algumas décadas depois da morte de Jesus, eram as seguidoras e seguidores de Jesus que enfrentavam punições e perseguições devido a divergências e conflitos com alguns membros e lideranças das sinagogas, e eram perseguidas e martirizadas por autoridades do império greco-romano por resistirem e se confessarem adeptas de uma “religião ilícita”. Mas depois da vitória de Constantino, em 313 d.C., com o Édito de Milão, Constantino retira a proibição ao cristianismo, que passa a ser incluído na lista das “religiões lícitas”. Em 325 Constantino convoca o Concílio de Niceia. Esse Concílio junta as igrejas cristãs do império e inicia-se a definição das doutrinas cristãs, a partir do credo que emanou deste concílio. No ano 380 o imperador Teodósio I, através do Édito de Tessalônica declarou que todos as pessoas do império deveriam seguir a fê cristã como estabelecida no credo nicênico, consolidando a Igreja como instituição estatal e decretando o cristianismo como religião oficial do império romano (Richard, 2009, pp. 317-333).

Com isto uma das várias versões dos cristianismos originários (Ver RIBLA No. 22 e 29) deixa de ser considerado “religião ilícita”, proibida, e passa a ser a religião do império, religião obrigatória para todos os povos sob domínio romano. E este cristianismo assumido pelo império romano é imposto à força para todos os povos integrados ao império. Com isto, estes povos tiveram seus templos destruídos, seus Deuses e Deusas declarados inexistentes e proibidos, e as pessoas que insistiam em seus cultos tradicionais eram mortas em nome do crescimento deste cristianismo empoderado pelos objetivos, instituições e, principalmente, com as armas do império romano.

O exército e as armas que antes matavam os cristãos, agora matavam quem negava tornar-se cristã e cristão segundo o império romano cristão. E matava-se em nome de Jesus Cristo, em nome da religião que era considerada a única religião verdadeira e capaz de salvar. Matava-se para impor uma religião para salvar os “pagãos e idólatras” de seus erros e pecados. O que al-

guns podiam e podem até pensar ser uma forma de amor pelas vítimas. Na sua convicção matava-se para salvar da morte eterna. Esse processo configura uma perversão hermenêutica. Os textos violentos da Bíblia, que condenam à morte e a destruição de todos os que não adoram Javé, são usados para legitimar essas violências, e dessa forma coloca-se na boca de Jesus a teologia das pessoas que condenaram Jesus à prisão, tortura e morte na cruz.

Evangelho de João escrito por uma comunidade perseguida

O evangelho de João, no entanto foi finalizado muito antes disso, por volta do ano 100 d.C., por uma comunidade pequena e pobre, que sofria exclusão, perseguição e muitas violências. As comunidades joaninas e sua forma de compreender o cristianismo, como uma comunidade de irmãos que viviam o amor, nunca teve vida fácil no império. O versículo de João 16,2: *“Vão excluir vocês das sinagogas. E vai chegar a hora quando alguém matando vocês, julgará estar prestando culto a Deus”*, descreve o contexto em que a redação final do evangelho acontece. Fala do martírio sofrido por homens e mulheres das comunidades joaninas no final do primeiro século (BROWN, 1983, p. 67). Porém, paradoxalmente pode também ser usado para descrever a morte de homens e mulheres que, a partir do estabelecimento do cristianismo como religião oficial do império romano, resistiam à imposição e insistiam no culto a seus Deuses e Deusas tradicionais. Os partidários do império romano-cristão, que os matavam, também julgavam estar realizando um ato de culto agradável ao Deus Único, o Deus Trindade, ao Deus do cristianismo oficial.

É um paradoxo atrás do outro. Pois no evangelho de João também encontramos outro daqueles versículos que são dos mais citados da Bíblia, um dos que certamente figuram entre os nossos preferidos. Refiro-me àquele em que a comunidade Joanina nos mostra Jesus falando de sua missão, dizendo que aqueles que haviam vindo antes dele, foram *“ladrões e salteadores”* (Jo 10,8), e que ele, como o bom pastor, veio para que todos *“tenham vida e a tenham em abundância”*. Contrapunha sua missão à do *“ladrão que vem só para matar, roubar e destruir”*.

É muito significativo que esta teologia de defesa e promoção da vida nos tenha sido legada por uma comunidade que sofria violências e martírio. Como vimos acima, a redação final do Evangelho aconteceu no contexto descrito em Jo 16,2, marcado pela expulsão das sinagogas e da pena de morte, imposta tanto diretamente por grupos judeus mais exaltados, como através da denúncia ao império romano (BROWN, 1983, p. 43-44). Homens, mulheres e crianças destas comunidades estavam sofrendo esse martírio.

É duro perceber que um evangelho com este conteúdo, escrito por uma comunidade perseguida e martirizada, seja posteriormente usado para legitimar intolerâncias e perseguições e até mesmo o martírio. Mas mesmo aqueles gru-

pos judeus que martirizavam as comunidades joaninas – do mesmo modo como farão séculos mais tarde os grupos do cristianismo oficial do império romano – promovem antes uma hierarquização hermenêutica, em que suas teologias, suas doutrinas, suas concepções de Deus, valem mais do que a vida humana. Assim, aqueles que com violência impõem uma religião, podem pensar que estão fazendo um bem, por exemplo, “salvando da ignorância, da apostasia, da heresia ou do pecado e da perdição eterna” esses povos dominados, dando-lhes “acesso à vida eterna”. Nesse sentido, até a morte de alguns podia ser considerada um preço pequeno, frente a tais recompensas. Suas doutrinas e teologias valem mais do que a vida.

Essa intolerância violenta, no entanto, contrasta fortemente com a abertura e o “ecumenismo” das comunidades joaninas. Que reunia em seu interior muitos grupos de diferentes origens e espiritualidades.

Comunidades abertas e acolhedoras

Dentre a pluralidade de formas de entender o seguimento e viver a mensagem de Jesus que marcaram as comunidades do movimento pós-pascal de Jesus (cf. RIBLA No. 22 e 29, que tratam dos “Cristianismos originários”), as comunidades joaninas são as mais abertas e acolhedoras. Diferentemente, por exemplo das comunidades que se expressam no evangelho de Mateus, que explicitamente excluem os gentios e os samaritanos, que apresentam Jesus explicitamente ordenando: “Não tomem o caminho dos gentios e não entrem nas cidades de samaritanos” (Mt 10,5), e duas vezes restringindo sua missão somente “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10,6 e 15,24). As comunidades mateanas também não recebem e excluem os gentios. Mateus 18,17 excluem os gentios, juntamente com os publicanos. Essa comunidade somente aceita gentios que se convertem ao judaísmo. Nesse sentido se pode dizer que Mateus é o evangelho dos chamados “judaizantes” que se opunham à abertura de Paulo. Isso é perceptível nas “correções” restritivas que a comunidade de Mateus faz sobre a tradição da mulher siro-fenícia, recebida do evangelho de Marcos:

Mc 7,24-30	Mt 15,21-28
Jesus atravessa a fronteira e entra em uma casa	Jesus vai para a região fronteira com Tiro e Sidônia, mas é a mulher cananéia que atravessa a fronteira
No território de Tiro	
A mulher grega, siro-fenícia, atira-se aos pés de Jesus e pedia que Jesus expulsasse o demônio de sua filha	A mulher chama Jesus de “Senhor, Filho de Davi”, e pede que Jesus tenha piedade e liberte sua filha

Jesus lhe diz: “Deixe que primeiro os filhos fiquem saciados. Porque não fica bem tirar o pão dos filhos e jogá-los aos cachorrinhos”	Jesus diz: “Eu fui enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel”
	A mulher insiste: “Senhor, socorre-me”
	Jesus lhe responde: “não fica bem tirar o pão dos filhos e jogá-los aos cachorrinhos”
A mulher responde a Jesus: “Senhor, também os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças.”	A mulher contrapõe: “É verdade, Senhor. Mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem das mesas de seus donos.”
Jesus, convencido por ela, a atende “por causa” da sua palavra, da sua argumentação.	Finalmente, Jesus a atende por causa da “grande fé” demonstrada por ela.

Desse modo podemos ver que, de acordo com as modificações realizadas na narrativa, a comunidade de Mateus transformou a mulher siro-fenícia em uma prosélita, ou convertida ao judaísmo, na medida coloca em sua boca uma afirmação de fé claramente judaica: ela dirige-se a Jesus como “Senhor, Filho de Davi”, e ao final, a narrativa mateana deixa claro que ela é atendida por sua fé. Isso mostra que a comunidade de Mateus aceita estrangeiras e estrangeiros, desde que estes se convertam antes ao judaísmo. Essa característica se verifica também na genealogia de Jesus apresentada em Mateus.

Na lista de mulheres ali apresentadas, exceto Maria, todas são mulheres estrangeiras que deixaram seus povos, sua cultura e religião para associar-se ao povo de Israel: Tamar (Mt 1,3; cfe. Gn 38,6), provavelmente uma mulher cananeia que entrará na família de Judá; Raab (Mt 1,5; cfe. Js 2,1-22) uma cananeia que habitava em Jericó, acolheu, protegeu, orientou e fez um pacto com os espiões dos israelitas colaborando com eles na invasão de Jericó e conquista de Canaã, tendo posteriormente sua família anexada ao povo de Israel; Rute (Mt 1,5, cfe. Rt 1,1-22) a nora moabita da belemita Noemi, que paradigmaticamente expressa sua adesão dizendo: “O seu povo será meu povo, e o seu Deus será o meu Deus” (Rt 1,16); e por fim, “a mulher de Urias”, (Mt 1,6, cfe. 2Sm 11,1-27), referindo-se à Betsabeia, esposa de Urias, o heteu, que foi integrada ao harém de Davi. As comunidades que nos legaram o evangelho de Mateus, portanto, são comunidades bastante restritivas e fechadas.

As comunidades joaninas, ao contrário, são abertas e acolhem dentro de si uma diversidade muito grande.

- a) No evangelho de João Jesus escolhe seus primeiros discípulos de dentro do movimento de João Batista (Jo 1,35-42). Os primeiros membros da comunidade vieram do grupo de João Batista. Essa origem deve ser

tomada em consideração, pois é um grupo que está descontente com o judaísmo oficial e tradicional, e segue uma linha profética.

- b) Galileus (Jo 1,44-46). De uma região desprezada pela elite de Jerusalém, eram considerados, impuros e rebeldes. Sofrendo o peso da dominação esperavam um Messias como um libertador para salvar Israel.
- c) Samaritanos. O evangelho de João é o único que relata que um expressivo grupo de samaritanos acreditou em Jesus (4,39-42). É também somente nesse evangelho que Jesus é chamado de “samaritano”, e não reage (Jo 8,48). Isso revela uma das acusações feitas à comunidade joanina, certamente porque incluía pessoas e elementos da espiritualidade samaritana.
- d) Certamente também havia judeus, que inclusive foram expulsos das sinagogas (Jo 9,34) por verem em Jesus o Messias Salvador (Jo 1,39; 11,27).
- e) Essa diversidade incluía também gregos, estrangeiros, como integrantes das comunidades joaninas (Jo 7,35; 12,20)
- f) Essa comunidade bem diferente das comunidades judaicas tradicionais, diferenciava-se também por ter liderança de mulheres. Há uma presença forte de mulheres protagonistas nas comunidades joaninas: Maria, a mãe de Jesus, a Samaritana, Marta, Maria e Maria Madalena. (CBV, 2015, p. 17-18).

Essas características certamente desafiavam o judaísmo tradicional e também algumas comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus, como as comunidades apostólicas que se referenciavam em Pedro, e que estão representadas pelo evangelho de Mateus.

A grande preocupação de João é fazer a interlocução com as variações do judaísmo, exatamente porque os cristãos estão vivendo a briga da expulsão da sinagoga [...] Por isso o Evangelho tentará mostrar a organicidade com o judaísmo, sem deixar de mostrar que é radicalmente novo com a experiência de Jesus. (Cardoso, 2016, p. 44)

E pagaram um preço alto por ser assim.

Na perseguição, persistir no amor

As comunidades joaninas experimentaram algo que as comunidades que nos legaram os evangelhos sinóticos provavelmente não experimentaram, ou experimentaram somente fases iniciais, com menor intensidade: a expulsão das sinagogas (9,34-35; 12,42; 16,2) o que certamente era feito de modo a dar visibilidade pública para o desligamento, pois a pertença tinha valor jurídico. O

desligamento de uma “religião lícita” – o judaísmo – acarretava a perda dos “privilégios” conquistados pelos judeus junto ao império romano.

Os judeus organizados a partir das sinagogas conquistaram o direito de se reunir, de manter uma caixa comum e de ter propriedades. Eram dispensados de prestar culto às divindades do império romano, tinham o direito de observar o sábado, de praticar seu culto e a sua Lei, participavam, se necessário, do exército romano, mas em batalhões somente de judeus. Cada Sinagoga tinha suas regras administrativas, estabelecia locais para o estudo, culto e sepultamentos; oferecia ajuda aos indigentes e mantinha tribunais para julgar disputas entre judeus.” (CBV, 2000, p. 13)

Com seus nomes cortados das listas de membros das Sinagogas os homens, mulheres e crianças destas comunidades estavam sujeitos a perseguições tanto em nome do Deus Judeu, como em nome do Deus do império romano. A elite judaica que decidiu pela expulsão e que os persegue, são “os judeus” mencionados em João, e as perseguições e violências que sofrem após a expulsão configuram o que o evangelho de João chama de “o mundo” (Richard, 1994, pp. 24 e 25; Cardoso, 2016, p. 63). Muitos eram mortos nessas perseguições. João é o evangelho que mais vezes nos apresenta Jesus, ou algum de seus seguidores e seguidoras, ou outra pessoa, sendo ameaçado de morte: 5,16-18; 7,1.19.25; 8,37.40.59; 10,31-33.39; 11,50.53; querem matar a mulher acusada de adultério (8,2-11); e matar também a Lázaro, que Jesus havia ressuscitado (12,10); cf. Mc 3,6; 11,8 e 14,1; Mt 2,13; 10,28; 12,14; 13,31; Lc 12,4 e 19,47.

Nesse sentido, cresce de importância e significado a discussão que a comunidade joanina nos apresenta no capítulo 8, a respeito de matar em nome da fé, em nome de uma religião. Pois no Evangelho de João, como também nos sinóticos, Jesus, e também outras pessoas, são ameaçadas de morte não por estarem fazendo o mal ou estarem ameaçando a vida de alguém. São ameaçados de morte simplesmente por falarem de Deus de modo diferente, em contradição com as doutrinas de algumas lideranças judaicas, ou das cidades Greco-romanas. Na maioria das cenas, o quarto evangelho, como os outros fazem muitas vezes também, coloca Jesus no lugar da comunidade. As discussões, acusações, perseguições e ameaças que os evangelhos mostram como sendo protagonizadas por Jesus, na verdade estão sendo protagonizadas pelas comunidades, e representam, na maioria dos casos, muito mais contexto das comunidades que produzem os evangelhos do que o de Jesus. E a comunidade joanina nos apresenta, na resposta de Jesus (8,37-47), a afirmação de que o religioso/ou religiosa que mata alguém em nome de Deus, não segue a Deus e sim ao Diabo, é “*filho do Diabo*” que “*foi homicida desde o começo*”, que tem como característica própria falar a mentira, “*porque é mentiroso e pai da mentira*” (8,44 e também 1Jo 3,10.15; 4,20). E, portanto, não fala a verdade, não está com a verdade, conceito que está na intrigante frase sobre adorar a Deus em “*espírito e verdade*”.

É bem possível que o fato de as comunidades joaninas estarem sendo mortas em nome de concepções oficiais de Deus, por monoteístas judeus e por adoradores do Deus imperador e dos deuses do império, tenha fornecido critérios para a reflexão sobre as teologias e as espiritualidades que legitimavam essas práticas. E isto deve ter auxiliado as comunidades joaninas a superarem as cristologias fundamentadas nessas tradições e avançarem na afirmação da divindade de Jesus (1,1; 20,28). A partir disso colocam na boca de Jesus a expressão “*Eu Sou*” (6,35.48.51; 8,12.24.28.58; 10,7.9.11.14; 11,25; 13,19; 14,6; 15,1; 18,5.6) com a qual Javé revela o seu nome a Moisés (Ex 3,6), e afirmam a pré-existência de Jesus como Deus (1,1.15.30; 8,58), o que caracteriza o quarto evangelho, que nisto se distancia bastante dos evangelhos sinóticos. Com isto, esta comunidade está instituindo Jesus, não somente como uma pessoa que por seu viver nos revela o rosto de Deus (1,18; 8,19; 10,30; 14,7-11; 17,21-22), mas como o próprio Deus (18,5-6; 20,28).

Jesus revela o rosto de Deus como amor

Mas então, qual era a característica de Jesus, que levou as comunidades joaninas a rejeitarem os Deuses daqueles que os matavam e afirmar que Jesus era/é Deus? Apesar de provir das comunidades neotestamentárias que enfrentaram maior violência, este é o Evangelho que mais nos estimula à vivência do amor. E não nos fala do amor como substantivo abstrato, mas do amor como verbo, como prática. Nos outros evangelhos este verbo aparece cinco vezes no “sermão da montanha” (5,43.44.46[2x]; 6,24) e mais três vezes no restante do evangelho de Mateus (19,19; 22,37.39); no evangelho de Marcos aparece cinco vezes: uma em 10,21 e quatro vezes na apresentação do mandamento de amar a Deus e amar ao próximo como a si mesmo como a prática que supera “*a todos os holocaustos e sacrifícios*” (12,30.31.33[2x]); e em Lucas ocorre 6 vezes no “sermão da planície” (6,27.32[4x].35) e mais seis vezes no restante do evangelho (7,5.42.47[2x]; 10,27; 11,43, 16,13).

No evangelho de João, o amor está presente em todos os aspectos:

- A missão de Jesus é lida como sendo expressão do amor de Deus (3,16);
- Acolher e praticar as palavras de Jesus é ter o amor de Deus (5,42);
- Quem é filho e filha de Deus ama a Jesus e pratica as suas palavras (8,42);
- O Pai ama a Jesus porque ele dá a sua vida pelas suas ovelhas (10,11.15.17);
- Jesus amava Marta, Maria e Lázaro (11,3.5.36);
- A obra de Jesus foi amar aos seus e “*amou-os até o fim*” (13,1). Por isso ele nos dá um “*mandamento novo: que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei*”, e a vivência das relações de amor é apre-

sentada como a marca daqueles que seguem a Jesus (13,34-35; 15,12-13.17);

- Quem ama a Jesus, guarda (põe em prática) as suas palavras e torna-se morada de Jesus e do Pai (14,23);
- Jesus é a verdadeira videira, revela o núcleo sagrado da fé de Israel, e este núcleo é a prática do amor, e não do legalismo e do ritualismo (15,1-17);
- Define a missão de Jesus como “*Eu lhes dei a conhecer o teu nome... a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles.*” (17,26)

Tendo a compreensão de Jesus como expressão do amor de Deus, a comunidade Joanina também revela sua compreensão de Deus como Amor (cf. 1Jo 4,7-10). Por isso, pode apresentar Jesus como a verdadeira videira (15,1-17), isto é a verdade, a essência do judaísmo. Mas pode também apresentá-lo como a verdade e a essência da forma de cristianismo nascente na comunidade joanina. Assim, pode em seguida apresentar a oração pela unidade: “*a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste, para que sejam um como nós somos um, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim. Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que contemplem a minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci e estes reconheceram que tu me enviaste. Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo ainda mais, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles.*” (17,21-26) Podemos ver isso também em 1Jo 4,11-21.

A comunidade joanina formada por muitos grupos marginalizados com posturas críticas ao templo e a muitas das práticas e concepções tradicionais, “percebem nessas mediações histórico-políticas do judaísmo uma incapacidade de responder” (CARDOSO, 2016, p. 63) aos desafios políticos e teológicos de sua experiência de vida. E, além disso, quando as mediações oficiais levam às mesmas práticas de violência e intolerância dos impérios, essas mediações revelam seu esgotamento e erro. Por isso afirmam “Nem em Samaria, nem em Jerusalém”, e que para eles agora a adoração deve ser “em espírito e verdade”. Essa postura abre novas perspectivas.

Descolonizar o Evangelho de João, descolonizar o cristianismo

Isto nos abre uma possibilidade de compreender o Evangelho de João de modo distinto das perspectivas tradicionais, exclusivistas, que se fundamentam em cristologias posteriores, estabelecidas como religião oficial do império romano, das correntes cristãs que ao longo dos três primeiros séculos foram se

amoldando ao *modus vivendi* imperial, produzindo um cristianismo adaptado às hierarquias entre dominadores e dominados, ricos e pobres, senhores e escravos, homens e mulheres.

Essas foram também as perspectivas dos cristianismos que embasavam os projetos de dominação e colonização dos portugueses e espanhóis que chegaram à África e depois à América Latina, e também dos impérios que colonizaram a América do Norte. Se, porém, voltarmos mais atrás na história, poderemos ver que os países que estão na origem desses impérios europeus, também receberam formas de cristianismo ligadas ao poder. O cristianismo que se implantou nesses países foi principalmente a forma de cristianismo codificada a partir da aliança com o império romano. Isto é, a destruição dos templos e das culturas locais, a demonização das Deusas e Deuses e a proibição das religiões nativas, e a imposição do cristianismo, que os impérios europeus promoveram na África, e nas Américas, foi o que também eles sofreram na carne quando o império romano impôs a eles o cristianismo monoteísta como religião oficial.

É necessário rever o quanto essas perspectivas estão entranhadas em nossa formação e espiritualidade cristãs. Elas tornam-se especialmente visíveis quando formas de nossos cristianismos se defrontam com as religiões dos povos originários da África e das Américas. Quantos de nós, em nome de nossa fé cristã, ainda repetimos diversas formas de subjugação e de condenação das Deusas, dos Deuses e das religiões dos povos originários? Como explicar ainda hoje os ataques aos terreiros de Candomblé e Umbanda, e os grandes esforços para a catequização dos “povos indígenas”, senão pela persistência de perspectivas que chegaram aqui nos barcos dos colonizadores?

Descolonizar a Bíblia e nossa compreensão dela

O processo é complexo. Perspectivas colonialistas e de dominação, legitimadas por formas religiosas aliadas ao poder do Estado, não estão somente nas mediações histórico-políticas que trouxeram a Bíblia e o cristianismo para estas partes do globo terrestre, mas estão também dentro da própria Bíblia, no ambiente onde ela se desenvolveu e nas teologias e nas espiritualidades que ela contém.

Numa rápida retrospectiva, poderemos assinalar diversos momentos em que a promiscuidade da associação entre religião e poder evidenciou-se em atos de violência feitas em nome de Deus:

- a) O Farisaísmo rabínico, que, reunido em Jâmnia, a partir de ± 85 d.C., como centro de poder reconhecido pelo império romano, começa a perseguir e estabelecer punições com açoites, morte (Mc 13,9-13; Mt 10,28; 23,34-38), ou prisão (Lc 21,12) e até a expulsão (Jo 9,22.34; 16,2) de judeus que fundamentam sua prática e sua fé no Jesus Messias.

- b) O Sinédrio judaico, que, reunido em Jerusalém ± 33 d.C., decidiu a crucificação de Jesus de Nazaré, possivelmente com medo de serem acusados de complacência perante adversários do império (Mc 15,2-3; Jo 11,45-54).
- c) O povo judeu, liderado pelos Macabeus, venceu uma longa guerra (167-142 a.C.) contra os reis Selêucidas que queriam proibir a religião judaica e impor o modo de vida grego aos judeus (1Mc 1,41-61; 2Mc 4,7-20), e foi vencedor. E os sucessores dos Macabeus, a dinastia dos Hasmoneus, teve as mãos livres para agir principalmente no vácuo de poder entre a morte do rei Selêucida Antíoco VII, ± 129 a.C., e o ano 63 a.C., quando Pompeu anexou a Síria e a Judéia ao império romano. Nesse intervalo, principalmente durante o governo do sumo sacerdote e rei João Hircano I, em 134-104 a.C., e no de Alexandre Janeu, seu sucessor, a vontade de expansão territorial e os métodos planejados de imperialismo político dos chefes Hasmoneus levou-os a muitas guerras. A maior parte delas terminou com a conversão forçada dos vencidos e muitas vezes com extermínios que lembravam a prática do ‘anátema’ atribuído a Josué. João Hircano destruiu o templo do monte Garizín (Jo 4,20) e a cidade helenizada de Samaria e reduziu seus habitantes a escravos. Os Idumeus (Edomitas) e os Itureus da Galiléia foram obrigados a se circuncidarem. A Peréia, conquistada por Alexandre Janeu, foi forçada a se judaizar. E a cidade de Pela foi destruída, porque seus habitantes se recusaram a adotar as práticas judaicas. (ver Marques, 2022, pp. 304-305).
- d) Pouco antes disso, o grupo hegemônico na reconstrução de Jerusalém, comandados pelo sacerdote Esdras, na Judéia, ± 400 a.C., impôs a perspectiva monoteísta para toda a história de Israel (Ne 9,6-37), estabeleceu e canonizou a Torá/Pentateuco como Lei do único Deus e do rei (Esd 7,25-26, cf. 6,11-12), principalmente na perspectiva da lei do puro e do impuro (Lv 4,27-7,38), e patrocinou com ela a expulsão das mulheres. Se esse movimento já fora iniciado por Neemias, para excluir de Israel “*tudo elemento estrangeiro*” (Ne 13,1-3.23-30), em Esdras isso se fará para “*purificar a raça/linhagem santa*”. Tudo, sempre apregoado e feito em nome de Deus.
- e) Retrocedendo ainda um pouco mais, chegamos ao rei Josias, que, a partir de Judá ± 620 ac., ocupou militarmente as terras do reino do Norte (Israel) e destruiu todos os seus lugares de culto, baniu seus Deuses e Deusas, matou os sacerdotes que se opunham, e obrigou todo o povo da Samaria e de Israel, e também de todas as regiões de Judá, a sacrificarem somente em Jerusalém e somente a Javé, conforme os padrões ditados pelos sacerdotes de Jerusalém. Com violência

estabeleceu a monolatria, impondo para todas e todos o culto somente a Javé e somente em Jerusalém (2Rs 22,1-23,30).

- f) Raízes para essas práticas violentas em nome de Deus são fornecidas pelo estabelecimento de uma religião oficial, que nada mais é do que uma religião a serviço do rei e de seus interesses. É uma religião de legitimação do poder. Esta começará talvez já com as ações religiosas de Saul (1Sm 13,9; 14,31-35; 15,21), mas principalmente com Davi, ao levar a Arca para Jerusalém (2Sm 6), e se tornará mais manifesta com a construção do Templo por Salomão (1Rs 5,15-9,25). Seguirá com os reis sucessores no Sul e com os reis de Israel no norte, onde governarão várias dinastias que terão como Deuses oficiais diversos Deuses. No início, na dinastia de Jeroboão, adotam Elohim (1Rs 12,28); depois, na dinastia de Amri, constroem Samaria e adotam Baal como o Deus oficial (1Rs 16,29-32). A casa de Amri será massacrada por Jeú, incentivado pelo profeta Eliseu, e a dinastia de Jeú terá Javé como Deus oficial (1Rs 10,28-30).
- g) Observa-se assim que a corrente oficial da religião de Israel, antes e depois do exílio, insere-se em uma longa tradição de formas religiosas de legitimação do poder, existentes não somente entre os reis cananeus, mas também entre os faraós do Egito... e muitos outros.

Mas Jesus, e a comunidade joanina, certamente não entendia a religião nessa perspectiva. Nem a comunidade joanina com todos os grupos marginalizados que nela se reuniam. É isto que podemos ver nas diversas discussões entre Jesus – representando a comunidade joanina – e as autoridades judaicas, que nos são apresentadas no quarto evangelho. Ressaltamos a discussão no capítulo 8, mas esses aspectos aparecem muito fortemente na já exaustivamente estudada passagem do diálogo de Jesus com a samaritana, onde se encontra a expressão adorar a Deus “*em espírito e verdade*”. Acho que agora já temos condições de aprofundar o significado desta expressão.

Se Jesus não segue a linha das religiões oficiais, colocadas a serviço dos poderosos, qual é a religião de Jesus? Em que fontes de espiritualidade ele bebe? A comunidade joanina com sua origem plural e diversificada nos oferece vários indicativos a respeito.

Jesus afasta-se da religião legitimadora do poder

Jesus bebe de uma fonte mais profunda. A comunidade joanina, defrontando-se com a violência promovida e patrocinada pelas religiões judaica e romana oficiais, está apta a fazer a memória desses processos e contrapor o culto oficial a outro tipo de culto, o culto a Deus “*em espírito e verdade*”. Resgatam o coração libertador da religião.

Isso fica claro no diálogo com a samaritana, na parte em que ela constata que Jesus é um “*profeta*” (4,19). Ela chega a essa conclusão depois que Jesus pede que ela busque o seu marido e ela responde que não tem marido. Com base nessa resposta, Jesus começa a falar sobre a religião da Samaria. Normalmente compreendemos a questão dos *cinco maridos* como sendo uma provável referência ao conjunto das divindades trazidas para a Samaria pelos exilados, provenientes de cinco regiões diferentes, que foram assentados em Samaria pelo império Assírio (2Rs 17,24). Mas em sua resposta Jesus também diz a ela que “*e aquele (marido) que você tem agora não é seu marido*” (Jo 4,18). É depois dessa afirmação que a mulher samaritana começa a ver Jesus como profeta. O que ela percebeu na fala de Jesus, que a levou a classificá-lo como “profeta”? Provavelmente percebeu que Jesus tinha uma compreensão de Deus diferente da compreensão tradicional. Se os “*maridos*” referem-se aos Deuses, então a frase “*e aquele que você tem agora não é seu*”, refere-se ao Deus que era adorado pelo povo da Samaria. Esse Deus não era dos samaritanos, não era da mulher, porque era o Deus do templo de Jerusalém, que, como vimos acima, lhes fora imposto pelo sumo sacerdote e rei João Hircano, por volta do ano 128 a.C. O “sexto marido” é o Deus definido, centralizado e controlado pelo templo de Jerusalém. O Deus oficial do Judaísmo. Os samaritanos, especialmente sua elite lutavam para refazer seu lugar de poder, o templo do monte Garizim.

É dentro desse quadro que precisamos interpretar o que significa adorar a Deus “*em espírito e verdade*”. De forma negativa, seria não o adorar na perspectiva das religiões oficiais, religiões mais preocupadas em legitimar o poder e as estruturas e hierarquias políticas, sociais e religiosas. De forma positiva, é adorar a Deus de maneira coerente com as experiências libertadoras que deram origem à religião, o Espírito do Deus da Vida. No Evangelho de João, que tanto acentua a prática do amor, fato que será fortemente corroborado pela Primeira Carta joanina (cf. 1Jo 4,7-21), significa adorar a Deus como amor, praticando o amor, pois *Deus é amor* (1Jo 4,8.16). E é com base nessa confissão, que ocupa o centro dos escritos joaninos, que podemos estabelecer perspectivas de leitura isentas do espírito colonialista, dominador, que prevalece em muitas leituras bíblicas e práticas cristãs.

Creio que foram as perspectivas oficiais, colonialistas e imperialistas, ainda presentes em nossa espiritualidade, que nos levaram a interpretar Jo 14,6: “*E disse-lhes Jesus: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim*”, num sentido exclusivista. Uma releitura deste versículo deveria considerar seriamente que, no contexto em que a comunidade joanina está afirmando isso, não havia ainda “igreja” como nós entendemos hoje, nem cristianismo como uma religião estruturada separadamente do judaísmo. Portanto, certamente não seremos fiéis à compreensão da comunidade Joanina, e talvez nem à de Jesus, ao interpretarmos que Jesus, o “eu” do versículo, refira-se a uma igreja, como querem as leituras mais conservadoras, e nem que se refira

ao cristianismo como única religião verdadeira, como pensam algumas pessoas mais ecumênicas. Essas leituras acima de tudo são feitas do ponto de vista das instituições mediadoras.

Penso que, no contexto, que está repleto de afirmações sobre o amor e o amor de Deus por nós, o Evangelho de João – e também a Primeira carta de João – crê que Jesus veio nos revelar que *Deus é amor* (1Jo 4,8.14). Isto é, Jesus veio resgatar esse núcleo sagrado do judaísmo, núcleo esse que corria o risco de ficar soterrado sob a grande carga de legalismos, ritualismos e legitimação da concentração de poder e de riqueza que sobressaía no judaísmo oficial. Com suas palavras e com sua vida, Jesus anunciou que Deus é amor, e foi coerente com isso até o fim (Jo 13,1). Procurou mostrar de diversas formas que Deus não é um conjunto de leis, Deus não é um conjunto de rituais, Deus não é uma igreja, Deus não é nem sequer uma religião: Deus é amor. Esta fé, crer que Deus é amor, e viver de maneira coerente com ela, é que é “o caminho, a verdade e a vida”. Somente se chega a Deus pelo amor.

Para seguir avançando...

Uma releitura em perspectiva ecumênica e inter-religiosa, uma teologia pluralista, e sobretudo uma leitura decolonial, vai então superar as práticas colonialistas e imperialistas, e saberá reconhecer que em todas as religiões existe um núcleo sagrado direcionado à prática do amor. Esse núcleo confere igual dignidade às religiões de todos os povos. Mas também dentro de todos os povos e suas religiões existem práticas que representam a negação do amor. Essas práticas, sim, devem ser combatidas e se possível eliminadas. A promoção do amor não somente dentro do cristianismo, mas também dentro das demais religiões, é a missão da pessoa e das comunidades que seguem a Jesus: “*Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros*” (13,35). E Jesus reforça isso em suas palavras de despedida: “*Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo ainda mais, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles.*” (17,26).

Esse é o Evangelho, a boa notícia, que a comunidade Joanina nos apresenta: “Deus é amor”. E a evangelização consiste em fazer crescer o amor, dentro do cristianismo e dentro da imensa diversidade religiosa que marca as culturas humanas, que essa evangelização reconhecerá como mais uma expressão do incomensurável amor de Deus, que nos fez a cada um e a cada uma – e de cada ser vivo – uma experiência de vida única, inigualável e irrepetível. Que Jesus nos acompanhe por esse caminho, que é verdade e vida, e nos ensine a verdadeiramente a adorar a Deus “*em espírito e verdade*”.

Referências bibliográficas

- Brown, Raymond (1983). *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus.
- Cardoso, Nancy (2016). *Hermenêutica Bíblica a partir do Evangelho de João*. Transcrição das palestras proferidas no Simpósio Bíblico 23-25 de maio de 2016. Florianópolis: FACASC – Faculdade Católica de Santa Catarina.
- CBV – Centro Bíblico Verbo (2000). *Da comunidade nasce a nova vida. Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*. São Paulo: Paulus.
- CBV – Centro Bíblico Verbo (2015). *Permanecei no meu amor para dar muitos frutos (15,9-9). Entendendo o Evangelho de João*. São Paulo: Paulus.
- Marques, Maria Antônia. *Uma breve história do Período Helenístico*. In: NAKANOSE, Shigeyuki; DIETRICH, Luiz José (orgs.); KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antônio Carlos; MARQUES, Maria Antônia. “Uma história de Israel. Leitura crítica da Bíblia e arqueologia” (2022). São Paulo: Paulus, pp. 271-341.
- Richard, Pablo. *Chaves para uma re-leitura histórica e libertadora (Quarto Evangelho e Cartas)*. Em RIBLA, “A tradição do discípulo amado. Quarto evangelho e cartas de João”. No. 17, 1994.
- _____ (2009). *Memória del “Movimiento histórico de Jesus”. Desde sus orígenes (año 30) hasta la crisis del Sacro Imperio Romano Cristiano (siglos IV y V)*. San Jose, Costa Rica: DEI.

Luiz José Dietrich